



Universidade de Brasília - UnB
Faculdade de Comunicação - FAC
Bacharelado em Comunicação Organizacional

Marieta Vieira Teixeira Neta

**Máquinas de guerra híbrida em plataformas algorítmicas: uma análise das Fake News
no Brasil**

Brasília
2021

Marieta Vieira Teixeira Neta

**Máquinas de guerra híbrida em plataformas algorítmicas: uma análise das Fake News
no Brasil**

Artigo apresentado à Faculdade de Comunicação (FAC) da Universidade de Brasília (UnB) como requisito parcial à obtenção do título de bacharel em Comunicação Organizacional.

Orientadora: Professora Dra. Janara Sousa

Brasília
2021

Dedicatória

Dedico este trabalho à minha faculdade de comunicação. É indescritível explicar o orgulho que sinto por ter passado quatro anos sendo aluna de uma instituição tão incrível e de renome quanto a Universidade de Brasília (UnB). A produção desse artigo, em todos os detalhes e profundidades, foi graças aos diversos professores que estiveram presentes durante essa jornada e espero poder honrar seus ensinamentos.

Também o dedico à minha orientadora, Janara Sousa, que foi crucial para que este artigo finalizasse da forma como o idealizei. Obrigada por toda a compreensão, paciência e apoio no decorrer dos encontros, por todos os conselhos e observações emitidas. Tudo isso fez uma diferença gigantesca e eu não poderia ter escolhido uma orientadora melhor para me auxiliar. De coração, muito obrigada, professora.

E, em especial, dedico este artigo aos meus pais. Principalmente, aos meus pais. Não há nada nesse mundo que possa expressar o quão grata eu sou por todo o apoio e carinho que os senhores me deram e dão. Espero que este trabalho os deixe tão orgulhosos quanto me deixou e os alegre profundamente. Muito obrigada por terem me ajudado em mais uma etapa, dedico cada segundo devoto a este artigo aos senhores.

Resumo

As fake news se tornaram um problema no Brasil, graças às plataformas algorítmicas que potencializam seu alcance. Uma verdadeira estrutura em prol da desinformação atua no país, aumentando a reprodução popular dos discursos de ódio, polarização, intolerância e terror; uma técnica de Guerra Híbrida. O objetivo deste artigo ensaístico é analisar, através de revisão bibliográfica e documental e pesquisa explicativa, como as fake news são usadas de maneira esquematizada, regionalizada e tática por uma pequena elite no governo, visando a desestabilização do sistema e da população brasileira. Concluindo, portanto, que o chefe do executivo usa táticas de operações psicológicas nas mídias sociais para governar.

Palavras-chave: Guerra Híbrida, plataformas algorítmicas, *fake news*, desinformação.

Abstract

The fake news became a major problem in Brazil, since the algorithmic platforms potentialized its reach with cyberspace. A true structure aiming at disinformation is holding place in the country, increasing the popular reproduction of hate speech, polarization, intolerance and terror; a Hybrid War's technique. This article analyse, through bibliographic and explanatory research, how fake news are being used in a tatic, regionalised and esquematized way by an elite in the government, aiming for the destabilization of the system and the brazilian population. Concluding that the president uses tactics of psychological operations in social medias to rule.

Keywords: Hybrid War, algorithmic platforms, fake news, disinformation.

Sumário

1. Introdução.....	7
2. O fenômeno da desinformação.....	10
a. A escala industrial proporcionada pelas mídias sociais.....	11
b. Fake news como tática de Guerra Híbrida.....	12
3. A infodemia no Brasil.....	14
a. Eleições de 2018.....	16
b. Acusações anti sistêmicas.....	17
c. Pandemia.....	21
4. Considerações Finais.....	24
Referências bibliográficas.....	24

1. Introdução

A Organização Mundial da Saúde (OMS) afirmou que a relutância ou recusa em se vacinar apesar da possibilidade de fazê-lo, é uma das dez maiores ameaças para a saúde mundial. Com efeito, há evidências que ligam o crescimento de tais movimentos com surtos de doenças imunopreveníveis em áreas onde previamente haviam sido erradicadas (CAMARGO, 2020). Com o desaparecimento virtual de doenças infecciosas ou as que deixam sequelas graves e marcas visíveis, os efeitos benéficos da vacina são mais intangíveis aos olhos da sociedade; como consequência, não há uma forte motivação para a vacinação. No entanto, a queda na cobertura vacinal da população pode comprometer a imunidade do grupo, repercutindo perigosamente na saúde pública (MAGLIONE et al, 2014).

Os movimentos antivacina ainda são minoritários, mas refletem no cenário atual. Regido por teorias da conspiração e negacionismo, o movimento ganhou força em 1998, quando um artigo que postulava a relação entre a vacina MMR e o autismo foi publicado na *The Lancet*, uma das mais prestigiadas revistas médicas do mundo (CAMARGO, 2020). Embora o artigo tenha sido retratado e seu autor, perdido a licença de médico, o pânico persiste até os dias de hoje.

Ainda segundo Camargo (2020), os principais argumentos dos antivacinas advêm do efeito Dunning-Kruger, que leva a avaliações erradas sobre a própria capacidade de julgamento. Em suma, trata-se de quando pessoas com menos conhecimento pensam que são mais capazes de avaliar a informação do que os próprios profissionais na matéria.

Movimentos antivacina são tão antigos quanto a própria vacina (CAMARGO, 2020), mas com o aparecimento de novas formas de comunicação, ganharam mais relevância. Visões conspiracionistas eram isoladas e dispersas, no entanto, atualmente, as redes sociais possibilitam um reforço positivo dessa narrativa com o desempenho do algoritmo. Como consequência, cresceram ao ponto de se tornarem participantes da discussão geral. Usando desinformação e fake news para incitar a desconfiança da população quanto à vacina, o movimento segue aumentando e tal fato não pode ser ignorado, visto que produz efeitos no mundo real.

Atualmente, durante a pandemia do SARS-COV-2 que vitimizou mais de 5 milhões de pessoas ao redor do mundo, viu-se muito sobre o movimento antivacina. Em especial, a narrativa desinformativa e conspiracionista na Internet foi amplificada nos Estados Unidos, tendo maior adesão nos países do sul. Em agosto de 2021, a capital de Louisiana triplicou o número de mortos, duplicou o de contágios e possuiu o recorde de casos, enquanto deixou

estragar milhares de vacinas que seus cidadãos não quiseram tomar (MARS, 2021). Em setembro de 2021, apenas 51,77% dos norte-americanos estavam completamente imunizados (BBC, 2021). Segundo a Cleveland Clinic, 99,75% das pessoas internadas pela Covid-19 não estavam completamente imunizadas (LAVADO, 2021). O movimento antivacina nos EUA é um dos maiores do mundo, altamente articulado, financiado e profissional, fazendo com que, em junho, a vacinação estagnasse em 50% da população. Este é apenas um exemplo dos efeitos acarretados pelo uso desinformativo e nocivo das notícias falsas.

O termo fake news teve destaque em 2017 quando seu uso foi ampliado em 365%, sendo considerada a palavra do ano pelo dicionário britânico Collins. Contudo, apesar de parecer recente, é usado desde o final do século XIX (MERRIAM-WEBSTER, 2017). Fake news são histórias não verídicas ou distorcidas que transitam em múltiplas plataformas e formatos, como se fossem fatos.¹ Muitas surgem baseadas em situações reais, o que dificulta no combate à desinformação. Combinam-se fatos, distorcem-nos, exageram e publicam, gerando uma reação de urgência e medo na população.

Ao analisar o contexto histórico, não há tantas mudanças no arranjo de uma fake news (continuam emulando o formato jornalístico, minadas de sensacionalismo e dados sem fontes verídicas), o diferencial, no entanto, é a potência tecnológica. A Internet é uma ferramenta crucial para a produção de fake news em escala industrial, possibilitando o alcance de milhares de usuários em uma velocidade alarmante. Usuários estes que não são apenas consumidores e receptores da informação, mas, também, o emissor dela. De acordo com os pesquisadores americanos do *Massachusetts Institute of Technology* (MIT), 2018, a chance de uma notícia falsa ser repassada é 70% maior que a de uma verdadeira.

As plataformas algorítmicas e sua capacidade impressionante de disseminação de informações falsas podem ser altamente eficazes como máquinas de Guerra Híbrida — conjunto de ataques informacionais que utiliza instrumentos não convencionais, como as redes sociais, para fabricar operações psicológicas com grande poder ofensivo —, pois incitam a população a ter raiva do sistema, do governo, das minorias (como mulheres, negros, indígenas e imigrantes) e da maneira como as leis são dispostas. A alimentação de discursos de ódio fervorosos e de intolerância podem levar a consequências irreversíveis.

Tais táticas são técnicas de propaganda antiga, usadas por regimes há centenas de anos. Contudo, quem obteve maior destaque no decorrer da história foi o nazismo de Hitler,

¹ MESA 01: democracia, comunicação digital e fake news. Palestrantes: Tatiana Maria, Marcelo Alves. Brasília: Canal FAC, 2020. 1 vídeo (140 min). Transmido ao vivo no dia 24 de agosto de 2020, pelo Canal FAC. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=KEdSFFLjZok&t=6s>. Acesso em 15 de fevereiro de 2021.

que utilizou fake news não apenas como um mero instrumento, mas como uma estratégia eficiente para governar, controlar, dissuadir e manipular a população alemã.

A promoção da desinformação é um instrumento político eficaz para que determinados grupos ascendam, tais como governos populistas, mantenham-se no poder e permaneçam manipulando milhões de cidadãos; alimentando-os com ideias irreais e conspiratórias, instigando-os com uma realidade construída por preconceitos, xenofobia, radicalismo, negacionismo, polarização e desinformação. E quem organiza esse aparato são as milícias digitais, associações criminosas que coagem jornalistas e a sociedade, com ações intencionadas e específicas, alcançando objetivos muito bem estipulados que beneficiam uma elite no poder.

Para este artigo ensaístico, interessa, justamente, as fake news com viés político e tático; técnicas de Guerra Híbrida sendo usadas com civis. A intenção é explanar as consequências que tal operação psicológica, visando promover a desinformação e ampliar a polarização, acarreta na sociedade. Para tanto, o foco é destrinchar casos específicos de como as fake news foram usadas em massa pelo atual presidente do Brasil, Jair Messias Bolsonaro, através das plataformas algorítmicas. Para uma melhor assimilação, o trabalho será dividido em tópicos, cada um contendo seus respectivos subtópicos para aprofundamento.

O primeiro tópico explicita o que é fake news² e como as plataformas digitais possibilitam que se disseminem mais rápida e organizadamente, sendo não apenas uma ferramenta ideal para a Guerra Híbrida, mas altamente eficaz para uma infodemia.

A segunda parte visa elucidar como tal disseminação se perpetua de maneira tão hábil e eficiente no Brasil. Além disso, serão demonstrados exemplos específicos de como essa manipulação e dissimulação proposital ocorre, elucidando não apenas sobre uma verdadeira arma político-ideológica que é regida com a anuência e participação do chefe do executivo, mas também como a população responde a ela. Os exemplos explorados são: eleições de 2018; acusações anti-sistêmicas³; e a pandemia de 2021. Neste último caso, serão abordadas as principais fake news que vitimizaram mais de 600.000 brasileiros durante a pandemia do SARS-COV-2.

Para a realização deste trabalho de investigação, a metodologia utilizada foi a revisão bibliográfica e documental; a partir de reportagens, dados secundários, livros, artigos e periódicos científicos. Foi necessário, também, uma coleta de dados do conteúdo midiático de Jair Messias Bolsonaro, visando comparar suas afirmações com os fatos verídicos.

² O conceito de fake news utilizado neste artigo é o da desinformação.

³ Afirmações enganosas e incitações contra o sistema democrático.

Conjuntamente, a metodologia se valeu da pesquisa explicativa, com o viés de explicar a motivação por trás das fake news.

2. O fenômeno da desinformação

O relatório europeu sobre fake news as classifica em três tipos: *misinformation*, *disinformation* e *mal-information* (WARDLE; DERAKHSHAN, 2017). O primeiro aponta que nem sempre a informação é inverídica de maneira proposital, portanto não é originalmente criada para causar dano a algo ou alguém; uma ocorrência no jornalismo, por exemplo, que permite o direito de resposta e a errata para corrigir o engano. A *mal-information*, por outro lado, trata os rumores de uma situação emergente e seu compartilhamento é feito com a intenção de ajudar. Por fim, temos a *disinformation* (desinformação), fabricada intencionalmente para enganar um grande número de pessoas. É constituída por um conjunto de informações ou ausência dessas a fim de criar um cenário estipulado e causar urgência (GOMES et al, 2019).

Criada para emular o formato jornalístico e ter mais credibilidade, as notícias falsas podem possuir lide⁴, fonte e conteúdo multimídia; nenhum deles sendo verídicos. Uma notícia falsa pode nascer desde uma postagem nas redes sociais, visando atrair mais visualizações e engajamento, a empresas especializadas em viralizá-las. Estas usam robôs para compartilhar o link em diversas redes de forma maçante, conseguindo replicar a informação errônea entre dois a dez segundos por robô (SHAO et al, 2018). Dessa forma, alcançam-se proporções inimagináveis no grau de falsificação e disseminação de discursos de ódio contra pessoas, instituições, empresas e governos.

A sensação de alarde ou raiva é essencial para garantir o compartilhamento em massa pelos próprios usuários. O fator emocional potencializa o engajamento da publicação e pouco importa para o criador da fake news se ele é alcançado através de racismo ou desinformação. Por isso, a vulgaridade, insultos, preconceitos, discriminação de gênero, mentiras e conspiracionismos não são mais tabus (DA EMPOLI, 2019, p.89) e a polarização e violência se tornam consequência.

Não é de conhecimento comum peneirar as informações recebidas no ambiente digital, como pesquisar e aferir a veracidade ou, até mesmo, quais as sequelas acarretadas pelo consumo em massa de notícias falsas.

⁴ Lide (ou *lead*, em inglês) é o primeiro parágrafo de uma notícia. Deve ser objetivo e direto, oferecendo ao leitor as informações básicas sobre o conteúdo informado.

Segundo a convenção anual da Associação Americana de Psicologia (2018), há alguns motivos para as pessoas acreditarem em fake news. Os pesquisadores apontaram, primeiro, o “viés de confirmação” como a principal razão por trás da crença em dados incorretos. Ou seja, trata-se da tendência das pessoas em buscar e acreditar em informações que confirmam suas crenças preexistentes e desconfiar das informações que as desafiam. Em um campo político, já marcado por forte polarização ideológica, o viés de confirmação se intensifica. Se o eleitor ver uma fake news sobre um candidato que não gosta, há uma forte tendência dele acreditar imediatamente na informação e compartilhá-la; o mesmo se aplica se a situação for o inverso.

Outro fator apontado pela supracitada Associação são os estímulos causados no sistema nervoso. Quando alguém recebe uma notícia que a agrada são estimulados mecanismos de recompensa imediata no cérebro, emitindo a sensação de prazer. Essa descarga emocional e sensação de euforia limita o senso crítico do leitor, por isso poucos checam a veracidade da informação (BBC, 2018).

Os impactos da infodemia⁵ de fake news erguem a necessidade de criar monitoramento sistemático e controle sobre informações falsas (ISLAM et al, 2020). No entanto, é praticamente impossível parar sua propagação sem que hajam leis que regulamentem as plataformas digitais com rigor (MENCZER et al, 2017). Essa regulamentação deve ser feita com cautela, para não se repetir o que houve na Malásia, um dos primeiros países a aprovar uma lei contra fake news. Por não haver uma definição bem estipulada do que era uma “notícia falsa”, a legislação acabou se tornando um mecanismo de vigilância e punição sistêmica; responsável por silenciar, censurar e perseguir politicamente aqueles que faziam críticas ou comentários sobre o governo.

a. A escala industrial proporcionada pelas mídias sociais

A democratização da Internet permitiu o avanço de sua Era Social, a Web 2.0 ou Web Participativa, quando milhares de pessoas migraram para as mídias sociais. O ciberespaço se tornou um ambiente social acessível e interativo, onde os usuários selecionam e controlam as informações de acordo com seus interesses (ROESLER, 2012).

Pierre Lévy (1999) afirmava que o ciberespaço se tornaria o principal equipamento coletivo internacional da memória, pensamento e comunicação. Suportaria, portanto, um grande número de indivíduos, sendo um forte incremento ao potencial de inteligência coletiva

⁵ Excesso de informação sobre determinado tema, geralmente incorreta e produzida por fontes não verificadas ou pouco confiáveis, que se propaga rapidamente.

dos grupos humanos. Por mais positivos que fossem seus ideais, Lévy não estava totalmente equivocado.

A Web 2.0 foi caracterizada pela capacidade de potencializar as formas de publicação, compartilhamento e organização de informações, em especial, nas mídias sociais, como Facebook e Twitter. Além das trocas de informações, a interatividade proporciona aos integrantes, pessoas envolvidas no processo comunicacional, uma nova possibilidade: a de não ser apenas um ponto de recepção do conteúdo, mas parte do processo de produção. Assim, os chamados receptores, por meio de interatividade, deixam seu papel passivo no consumo de informações, passando também a produtores (GOBBI; BERNARDINI, 2013).

O fator humano é mais importante na disseminação de notícias falsas que os robôs em si, estes são responsáveis por apenas 31% das informações falsas compartilhadas. Ou seja, os maiores responsáveis pela veiculação de conteúdo falso dentro das plataformas são os próprios usuários (SCIENCE, 2018). As pessoas tendem a dar atenção a informações populares, causando um efeito dominó: quanto mais pessoas reais têm contato com a notícia falsa, mais elas acreditam que a informação é verdadeira e acabam compartilhando-a nas plataformas digitais (MENCZER et al, 2017).

Esse engajamento gerado sobre a fake news aciona outro protagonista na distribuição de informações: a própria plataforma algorítmica. Os algoritmos⁶ são responsáveis por manter o usuário engajado na rede social, portanto visam recomendar e dar ênfase a conteúdos considerados “influentes” e “importantes”. Como a fake news tem um engajamento exponencialmente maior entre usuários, o próprio algoritmo analisa o conteúdo veiculado como “relevante” e o recomenda para outros usuários, ajudando na disseminação.

Dessa forma, um grau exponencial de produção e disseminação da desinformação é atingido com as mídias sociais, que ampliaram o compartilhamento de informações tendenciosas e falsas, disponibilizando a propagação livre desses conteúdos pelo mundo inteiro de maneira ágil e eficiente. Uma verdadeira máquina ao dispor daqueles que souberem e puderem usá-la (CASTRO, 2019).

As informações falsas se difundem “mais longe, mais rápido, mais profundamente e mais amplamente do que a verdade em todas as categorias de informação”. Enquanto uma informação falsa necessita de aproximadamente 10 horas para alcançar 1.500 usuários no Twitter, uma informação verdadeira precisa de 60 horas (MENCZER et al, 2017).

⁶ Algoritmo é o conjunto de regras utilizadas para determinar quais resultados ficarão visíveis e em destaque ao usuário, individualmente, dentro de plataformas digitais. Programado para oferecer ao usuário qualquer conteúdo capaz de atraí-lo com maior frequência e por mais tempo à plataforma.

b. Fake News como tática de Guerra Híbrida

Guerra Híbrida é um conjunto de táticas que minimizam ou eliminam a necessidade de engajamento em operações bélicas. Consiste na combinação do emprego de forças especiais com a guerra cibernética, operações de informação e operações de dissimulação (LEAL, 2016). São ataques informacionais que utilizam instrumentos não convencionais, como as redes sociais, para fabricar operações psicológicas com grande poder ofensivo. Graças às mídias sociais, agora primordial, observa-se a ascensão desse *modus operandi*. Um artigo publicado na *Marine Corps Gazette*, em 1989, batizou-a de “guerra de quarta geração”, onde operações psicológicas se tornam a arma operacional e estratégica dominante na forma de intervenção de mídia/informação (CASTRO, 2019).

Para ataques cibernéticos serem qualificados como Guerra Híbrida é preciso “se basear na desestabilização, ou seja, depender de maneira fundamental de ingredientes como postura antissistema, agentes posições, desinformação, narrativas simplificadoras e discurso de ódio e de medo” (CASTRO, 2019, p.22).

Todos os estudos mostram que as redes sociais tendem a exacerbar conflitos, ao radicalizar os tons até se tornar, em alguns casos, um real vetor de violência física (DA EMPOLI, 2019, p.80). Em escala industrial e organizada, a promoção da desinformação é um instrumento político de alta eficácia para que determinados grupos ascendam, mantenham-se no poder e permaneçam manipulando milhões de cidadãos. Alimentando-os com ideias irreais e conspiratórias, instigando-os com uma realidade construída por preconceitos, xenofobia, radicalismo, negacionismo, polarização e desinformação. Funcionam como milícias digitais, associações criminosas que coagem jornalistas e cidadãos, com ações intencionadas e específicas, alcançando objetivos muito bem estipulados que beneficiam uma elite sobre muitos.

Um clássico exemplo de Guerra Híbrida foi o ocorrido em Ruanda, em 1994, um genocídio de 800 mil pessoas em 100 dias, entre 6 de abril e 23 de junho. Ruanda é um pequeno país da África centro-oriental e foi alvo de uma campanha de assassinatos em massa perpetrada pela maioria étnica *hutu*, cerca de 80% da população, contra a etnia *tutsi*, 20% dos ruandeses (CARPANEZZI, 2008). Conduzido à luz do dia, o grupo político conhecido como “Poder Hutu” orquestrou seu extermínio de maneira impune. A *Rádio de Televisión Libre des Mille Collines* foi um dos principais instrumentos utilizados para transformar a população em genocida. Eles culpavam rebeldes *tutsi* pela morte do presidente Habyarimana, que teve seu avião explodido. A supracitada rádio incitava perseguição e violência contra *tutsi*, *hutu*

moderados ou que tenham familiares *tutsi*, afirmando que ninguém seria responsabilizado pelo genocídio. Por causa de uma fake news atribuindo a culpa do acidente aos grupos minoritários, e constantemente sendo replicada no meio de comunicação da época, quase um milhão de ruandeses foram assassinados⁷.

Guerra Híbrida é um fenômeno midiático por excelência. Fato, inclusive, assinalado pelo documento de propaganda do Estado Islâmico, que demonstra destreza em seu uso na difusão do terrorismo e aliciamento de soldados: “armas midiáticas [podem] ser mais potentes do que bombas atômicas” e “transmitir o maior impacto sobre os espíritos de Seus inimigos” (CASTRO, 2019).

As mídias sociais são especialmente favoráveis a essa metodologia, operando como uma máquina de guerra montada no interior das plataformas algorítmicas. Ademais, a Internet é, antes de tudo, um instrumento de controle. É o vetor de uma revolução a partir do topo, que capta uma quantidade enorme de dados a fim de utilizá-los para fins comerciais e, sobretudo, políticos (DA EMPOLI, 2019, p.54).

3. A Infodemia no Brasil

O número de usuários de Internet, no Brasil, é de 81% da população acima de 10 anos de idade, o que corresponde a 152 milhões de brasileiros (IBGE, 2020). Em agosto de 2021, a pesquisa do TIC Domicílios assinalou que a Internet está presente em 82,7% dos lares no país. Infelizmente, ainda existem muitos brasileiros fora do ciberespaço, 40 milhões ao todo, e cerca de 90% das classes D e E se conectam à Internet unicamente pelo aparelho celular (IBGE, 2020). Apesar disso, os dados mostram uma grande presença brasileira no ciberespaço, com acesso a informações ilimitadas sobre o mundo inteiro e que conecta pessoas de pólos extremos do globo. No entanto, em meio a uma era informatizada, a desinformação e intolerância se tornam cada vez mais recorrentes no país.

A sociedade brasileira é a que mais acredita em notícias falsas (IPSOS, 2018) e passa uma média de 9 horas diárias conectados à Internet (AVAAZ, 2021). Além disso, 7 em cada 10 brasileiros se informam pelas redes sociais e 62% já acreditaram em alguma fake news. Dessa porcentagem, 6 em cada 10 internautas receberam a desinformação pelo Whatsapp, enquanto 5 em 10 receberam pelo Facebook (AVAAZ, 2021). Essas duas plataformas não são

⁷ WEBINÁRIO: Fake News, Guerra Híbrida e Direitos Humanos. Palestrantes: Carol Westrup, Ivan Paganotti. Goiás: UFG, 2020. 1 vídeo (92 min). Transmitido ao vivo no dia 25 de junho de 2020, pelo Canal Pensar em direitos humanos UFG. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=UDQqtNBExcl&t=1273s>. Acesso em 20 de fevereiro de 2021.

apenas as maiores redes sociais no país, mas também as com o maior fluxo e propagação de dados falsos.

Conforme afirmado pelo Relatório Global de Expressão (ARTIGO19, 2021), os ambientes de informação foram saturados pela negação de evidências científicas e desinformação em torno da pandemia. Ao todo, foram registrados 264 assassinatos de defensores dos direitos humanos no Brasil em 2020, sendo a maioria ligada a defensores de direitos indígenas e à terra. Além disso, nos últimos cinco anos, o informe ressalta que o país vem sofrendo uma crise na democracia, na liberdade de expressão e, atualmente, na saúde pública. A política nacional transita intrinsecamente em populismo, negacionismo, autocracia, desinformação, desigualdade severa e controle tecnológico.

Desde que assumiu o cargo, em janeiro de 2019, o presidente do Brasil, Jair Messias Bolsonaro, fez 2.187 declarações falsas ou distorcidas; uma média de três por dia, especialmente durante a pandemia, entre os anos de 2020 e 2021. A população tem sido sistematicamente silenciada ao criticar a gestão da pandemia, com um arsenal de medidas judiciais (ARTIGO19, 2021, p.13).

Não obstante, é comprovado que a desinformação é utilizada como uma estratégia de governo, um *modus operandi*, que começou desde a sua campanha eleitoral e se desdobra até a atualidade. Além de apostar na política do “nós” versus “eles” — discurso distorcido, que visa polarização e divisão política, baseado na construção de um inimigo comum (LEVITSKY; ZIBLATT, 2018) — reiterando aos canais de comunicação e mídias sobre um complô comunista contra os homens de bem, a família e as tradições. Essa abordagem baseada em manipulação, distorção e dissimulação nas redes sociais é, como visto no tópico anterior, uma tática de Guerra Híbrida.

Pode-se citar, como exemplo, a polêmica ao redor do “Programa Mais Médicos”. Cuba se manifestou publicamente pelo retorno dos seus médicos devido às ilações a respeito do trabalho desenvolvido pelos profissionais. Bolsonaro, em entrevista coletiva, afirmou que “não temos comprovação de que eles são médicos mesmo e que estão preparados para atuar” (WESTRUP, 2020). Uma mentira, visto que a MP nº621, publicada em 8 de julho de 2013, obriga esses profissionais a comprovarem sua formação antes de exercerem a profissão (BRASIL, 1988). Após oito meses de problemas de assistência médica, principalmente no interior do país e periferias, o governo federal tentou retomar com o programa anterior diversas vezes, mas foi incapaz. Portanto, decidiu criar o “Programa Médicos pelo Brasil” e,

na cerimônia oficial de lançamento⁸, Bolsonaro reforçou a tese conspiratória do “medo comunista”, afirmando que o Mais Médicos tinha o objetivo de formar “núcleos de guerrilha” e de que o PT o usou para “espolar o povo na base do terror, por um projeto de poder”.

Jair Bolsonaro está tão ciente e ativo na sua estratégia desinformativa que, em 20 de maio de 2021, preparou um decreto para limitar a exclusão de conteúdos em redes sociais; ação que viola as próprias políticas das plataformas. Ademais, o decreto afirma que posts e perfis devem ser apagados apenas por decisão da Justiça e que as plataformas estariam sujeitas a sanções que vão de advertência até multa de 10% do faturamento do Brasil. Segundo o presidente da República, seu decreto visa defender a “liberdade de expressão” dos usuários (UOL, 2020). Não obstante, em 06 de setembro de 2021, o presidente assinou uma medida provisória que visa alterar o Marco Civil da Internet, com o mesmo objetivo. Ambas as ações foram barradas pelo Supremo Tribunal Federal (STF) por serem inconstitucionais, visto que os temas têm relação com os direitos e garantias fundamentais; mas Bolsonaro segue tentando.

Este artigo visa explicar como o Presidente da República aplica a tática de Guerra Híbrida contra a própria população e sobre como a engrenagem de produção e disseminação de fake news atua no país. Para tanto, serão abordados episódios específicos e marcantes de seu governo, sendo estes: Eleição de 2018, Acusações Anti Sistêmicas e Pandemia.

a. Eleições 2018

A pesquisa feita pelo MindMiners (2018) durante o período eleitoral assinalou que, dentre os entrevistados que usam a Internet para se informar, 90% utilizam o Whatsapp, 85% o Facebook e 72% o Youtube; o que deixa os eleitores vulneráveis a empresas de marketing político. Estas organizações atuam nas mídias sociais utilizando os algoritmos dos dados pessoais do usuário para identificar nichos eleitorais específicos e direcionar campanhas de desinformação em massa, com conteúdo personalizado⁹.

⁸ Cerimônia de lançamento do programa Médicos pelo Brasil. Palestrantes: Jair Messias Bolsonaro, Luiz Henrique Mandetta. Brasília: 2019. 1 vídeo (40min). Transmido no dia 01 de agosto de 2019, pelo Canal TV BrasilGov. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=PphnU-4Ub8A>. Acesso em 17 de setembro de 2021.

⁹ [INTERNET, Desinformação e Democracia] Economia de dados e participação política. Palestrantes: Madeleine de Cock Buning, Rafael Evangelista e Marcos Dantas. São Paulo: 2019, CGI. 1 vídeo (154 min). Transmido no dia 24 de julho de 2019, pelo site da CGI. Disponível em: <https://www.cgi.br/videos/ver/internet-desinformacao-e-democracia-economia-de-dados-e-participacao-politica>. Acesso em 28 de abril de 2021.

A eleição presidencial de 2018 foi marcada por uma forte produção e disseminação de fake news; usadas para atacar candidatos e formular autopromoção de ambos os lados, visando influenciar o resultado das eleições. O presidente eleito foi o Jair Messias Bolsonaro (PSL), sendo que 98,21% dos seus eleitores foram expostos a notícias inverídicas e 90% as creditaram como verdade (AVAAZ, 2018).

A equipe de comunicação a serviço do presidente driblou os limites impostos aos conteúdos políticos no Facebook comprando milhares de números de telefone para bombardear quem utiliza o Whatsapp com mensagens e fake news (DA EMPOLI, 2019, p.88). A rede social banuiu pelo menos 1,5 milhão de contas brasileiras antes do segundo turno eleitoral, por suspeita de uso de robôs, disparo em massa de mensagens, disseminação de desinformação e discurso de ódio.

Uma análise exploratória feita pela doutora da Universidade Federal da Bahia, Tatiana Maria Dourado (2020, p.181), afirma que:

A ampla maioria das fake news operaram semanticamente a favor do candidato do PSL e outro conjunto significativo, que representa quase metade das mentiras, circularam contra a chapa do PT, o que pode ser revertido positivamente para Jair Bolsonaro e negativamente para Haddad/Lula, que eram os principais adversários políticos da corrida eleitoral.

Ademais, quanto ao fator emocional envolvido nas fake news das eleições, Dourado apontou que (2020, p.182):

O bolsonarismo representou 26,87% das fake news eleitorais e corresponde a histórias como “Manifestação pró-Bolsonaro é a maior da história”. Outros sentimentos atribuem valor ao campo político da direita, beneficiando, também, o bolsonarismo. Por ordem, o antipetismo é convocado em 22,25% e pode ser exemplificado por histórias como “Vídeo mostra eleitores do PT espancando idosas eleitoras de Bolsonaro”. O antilulismo está presente em 5,78% das histórias, a exemplo de “100 touros e crianças serão sacrificados em favor do babuê Lula e Satanás”. Antiesquerda significou 11% das fake news, como “PT, PCdoB, PSOL e Rede fazem marcha para satanás e gritam ‘o satã é nosso rei’”. Anticomunismo abrangeu 4,91%, como em “Lula, FHC e Dilma recebem o benefício ‘Bolsa Ditadura’”. Ao juntar todas as categorias elencadas (antipetismo, antilulismo, antiesquerda, anticomunismo), o campo da direita reúne 43,93% do corpus. Ao somar o resultado desse campo da direita ao bolsonarismo, chega-se a 70,80% do total de fake news.

Diante desse cenário, a CPMI das Fake News foi instalada no dia 4 setembro de 2019, após requerimento do deputado federal Alexandre Leite (DEM), com mais de 324 apoios de senadores e deputados. O objetivo da CPMI é “investigar a criação de perfis falsos e ataques cibernéticos nas diversas redes sociais, com possível influência no processo eleitoral e debate

público” (CPMI, 2019). A comissão foi prorrogada em abril de 2020, também abrangendo a investigação de desinformação envolvendo a pandemia e o negacionismo do coronavírus. Foi a CPMI das fake news que comprovou a presença de parlamentares usando recursos do seu mandato para confecção e disseminação de fake news, incitação de violência e tentativa de ruptura democrática (CPMI, 2019).

b. Acusações Anti Sistêmicas

Como apresentado previamente, para ser considerado uma tática de Guerra Híbrida, é preciso haver a apresentação de uma narrativa anti sistêmica em meio a desinformação.

O Inquérito (INQ) 4781, conhecido como Inquérito das Fake News, foi aberto em 14 de março de 2019 pelo então presidente do STF, Dias Toffoli, dedicado a apurar crimes envolvendo a divulgação de notícias falsas e difamação contra o supremo tribunal e seus ministros (D'AGOSTINO; OLIVEIRA, 2019). Oito dias depois, o relator do inquérito, ministro Alexandre de Moraes, determinou o bloqueio das contas que atacaram o STF em mídias sociais. Em 16 de abril foi deflagrada a operação da Polícia Federal de busca e apreensão em endereços de 10 acusados em São Paulo, Goiânia e Brasília, com decisão judicial exigindo bloqueio das contas dos envolvidos em mídias sociais (GUIMARAES, 2020, p.10). Os ataques incitaram manifestantes a irem às ruas, investirem contra o edifício do STF com fogos de artifício e proferirem ameaças¹⁰, além de exigirem o fechamento do STF.

O responsável pela orquestra dos ataques cibernéticos foi o “Gabinete do Ódio”: um grupo de assessores, servidores públicos, que trabalham no Palácio do Planalto a poucos passos do gabinete presidencial, com foco nas redes sociais. Sua principal finalidade é difundir desinformação e atacar adversários políticos do presidente, jornalistas, artistas e veículos de imprensa críticos ao governo federal. Não é uma assessoria oficial, nem possui um orçamento específico, mas é financiado com dinheiro público (MELLO, 2020). Tércio Thomaz é considerado o líder do grupo e assessores já admitiram à PF que atuavam na comunicação do governo de forma regionalizada, com vários colaboradores nos diferentes estados; a grande maioria são assessores de parlamentares federais e estaduais (UOL, 2020).

Em 8 de julho de 2020, 73 contas ligadas ao gabinete do ódio foram abatidas (sendo 35 do Facebook e 38 do Instagram). Ainda dentro da plataforma do Facebook, também

¹⁰Manifestantes bolsonaristas lançam fogos de artifício contra o STF. Brasília: 2020. 1 vídeo (4:15 min). Transmitido 14 de junho de 2020, pelo canal TvM. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=E7ZxgGHjmRs&t=15s>>. Acesso em: 03 de outubro de 2021.

identificaram 14 páginas e um grupo (SOPRANA et al, 2020), a grande maioria dessas contas estava sob a administração de Thomaz. De acordo com o Facebook (2020), essas contas gastaram cerca de US\$1.500 em anúncios na plataforma e alcançaram mais de 2 milhões de usuários. A atividade da rede incluiu a criação de pessoas fictícias fingindo ser repórteres, publicação de conteúdo e gerenciamento de páginas emulando veículos de notícias. Os conteúdos publicados eram sobre notícias e eventos locais, incluindo política e eleições, memes políticos, críticas à oposição política, organizações de mídia e jornalistas, e sobre a pandemia do SARS-COV-2 (SOPRANA et al, 2020).

Dentre os discursos anti sistêmicos defendidos pelo presidente, vale ressaltar a “fraude nas urnas”. Além de manipulativo e autocrático (LEVITSKY; ZIBLATT, 2018), a propagação de fake news sobre as urnas ocorreram desde as eleições de 2018. O conjunto de notícias falsas sobre o tema, apenas em outubro de 2018, computaram cerca de 6,7% do total de fake news. Esse cômputo foi compartilhado mais de um milhão de vezes no Facebook, Twitter e WhatsApp. O volume de mensagens foi distribuído por pelo menos 405 propagadores, sendo 388 perfis/usuários e 17 páginas. Facebook e WhatsApp foram as plataformas primárias ou muito relevantes para a disseminação das histórias (GOMES; DOURADO, 2019, p.40).

Jair Bolsonaro permanece acusando o sistema eleitoral, chegando a compartilhar um documento sigiloso (INQ 1.468) e afirmar que um *hacker* invadiu o sistema e comprometeu as eleições. Além disso, Bolsonaro disse que “o próprio TSE apagou os arquivos por onde o hacker andou e, possivelmente, adulterou o sistema”¹¹. O inquérito em questão investiga o ataque ao sistema interno do TSE, ataque este que não comprometeu as eleições, ou seja, não fraudou o sistema de urnas. Não há no documento nenhum dado que comprove as alegações do presidente, cuja finalidade é a adesão popular do voto impresso.

Após as supracitadas fake news, cerca de 15,8% dos brasileiros possuem uma baixa confiança nas urnas e 18,7% não possuem confiança alguma. Além disso, 58% são a favor das urnas com impressão do voto, pois acreditam gerar mais confiabilidade (CNT/MDA, 2021). Algo constantemente dito pelo presidente e desmistificado pelo próprio TSE, visto que tal raciocínio é paradoxal: caso a urna esteja adulterada, o voto impresso emitido por esta também estaria.

Por fim, Bolsonaro não poupou ataques à mídia tradicional; constantemente ameaça jornalistas, os insulta e questiona a credibilidade da imprensa. Em 2019, Bolsonaro foi

¹¹EXCLUSIVO: Bolsonaro divulga inquérito da invasão do sistema eleitoral. Entrevistados: Jair Messias Bolsonaro e Felipe Barros. São Paulo: jovem pan, 2021. 1 vídeo (121 min). Transmitido em agosto de 2021, pelo canal Os Pingos Nos Is. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=-Twp4DCo2y4>>. Acesso em: 01 de outubro de 2021.

responsável por 58% das agressões verbais feitas contra os meios de comunicação e pessoas que neles trabalham (FENAJ, 2019).

Em 2020, foram registradas 464 declarações públicas que atacavam ou deslegitimavam jornalistas e seu trabalho feitas pelo Presidente da República, seus ministros ou seus assessores próximos. Os filhos de Bolsonaro, que ocupam cargos públicos, perpetraram muitos ataques. Essas atitudes influenciam as autoridades locais e se manifestam em atitudes, assédio e ações judiciais contra jornalistas. Esse nível de agressão pública não era visto desde o fim da ditadura militar. A crescente hostilidade social contra jornalistas e seus efeitos desencorajadores não devem ser subestimados (ARTIGO19, 2021, p.13-14).

Tal discurso de ódio reflete em seus seguidores, causando situações como a do jornalista Leandro Couri, que cobria a manifestação em favor ao presidente em Belo Horizonte, foi agredido com chutes, o cabo de uma bandeira e um capacete, que o atingiu na cabeça. Antes das agressões, o profissional havia sido acuado e ameaçado em frente a unidade do exército¹². O exemplo se segue por outros, como Clarissa Oliveira, repórter da Band, que foi agredida com o cabo de uma bandeira durante a manifestação em Brasília.¹³ Episódios onde jornalistas são hostilizados, tornaram-se cada vez mais comuns.

No início de junho de 2020, vários meios de comunicação — incluindo O Globo, Folha e Metrôpoles — anunciaram que seus jornalistas não fariam mais coberturas jornalísticas nas imediações da residência presidencial devido ao alto risco de ataques por parte dos apoiadores de Bolsonaro (ARTIGO19, 2021, p.14).

Não obstante, o governo federal tentou inserir, na grade do TV Brasil, um telejornal para veicular apenas “boas notícias” sobre a crise sanitária e criticou a imprensa, afirmando que o noticiário causa pânico na população, embora mais de meio milhão de pessoas já tenham morrido por covid-19 no Brasil (UOL,2021). O nome do telejornal foi definido, “Bom de Ver”, e possui o piloto já gravado em versão teste. No entanto, a Associação Brasileira de Imprensa (ABI) solicitou ao MPF que investigasse o uso do canal público para a divulgação pessoal do presidente, um ato inconstitucional (BRASIL, 1988). Atualmente, o telejornal se encontra em fase de desenvolvimento (EBC, 2021).

Com 18,9 milhões de seguidores no Instagram e quase 15 milhões no Facebook, Bolsonaro não se limitou a tentar descredibilizar a mídia em seus perfis, mas também na abertura da Assembleia-Geral da Organização das Nações Unidas (ONU), em 2021. O

¹²Jornalista é agredido durante cobertura de manifestação em apoio ao presidente - Jornal Minas. Belo Horizonte: Jornal Minas, 2020. 1 vídeo (1:10 min). Transmitido no dia 15 de março de 2021, pelo canal Jornal Minas. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=mgdGalxWBmA>>. Acesso em: 17 de set. de 2021.

¹³ Bolsonarista dá bandeirada na cabeça de repórter da Band em Brasília. Brasília: Band News, 2021. 1 vídeo (5:58 min). Transmitido no dia 17 de maio de 2020, pelo canal Poder360. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=-gOUkga6C7A>>. Acesso em: 17 de setembro de 2021.

presidente afirmou que é preciso: “mostrar o Brasil diferente daquilo publicado em jornais ou visto em televisões”¹⁴, além de adicionar uma postagem no Instagram assinalando que “a mídia mente descaradamente”.



Fonte: instagram do Presidente, Jair Messias Bolsonaro (2021)

Além do ataque à mídia, dentro do que foi explicitado até então no artigo, é também possível analisar, na imagem, a reiteração da narrativa sobre o medo comunista e sobre a família tradicional em risco; fragmentos que compõem sua política do “nós” versus “eles”.

c. Pandemia

A pandemia está acompanhada de uma infodemia, ou seja, de um grande aumento no volume de informações associada a um determinado assunto, que podem se multiplicar rapidamente em pouco tempo devido a um evento específico (OMS, 2020). O negacionismo se reflete na tentativa de desinformar a população, contrariando e desrespeitando a ciência e os órgãos competentes de saúde (como a OMS e o Ministério da Saúde, por exemplo), no desdém diante das vidas ceifadas e na falta de interesse pela vacina (ARRUDA, 2021, p.91). Sem fundamentação, o presidente disse que o coronavírus contamina quem está tomado pelo medo (UOL, 2021).

¹⁴Confira discurso de Bolsonaro na Assembleia-Geral da ONU. Palestrante: Jair Messias Bolsonaro. Nova York: BBC news Brasil, 2021. 1 vídeo (12:53 min). Transmitido no dia 21 de setembro de 2021, pela BBC news Brasil. Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=EmiKODVtDds> >. Acesso em: 30 de setembro de 2021.

Jair Bolsonaro, em ocasiões diversas como entrevistas a jornalistas, transmissões ao vivo pelas redes sociais, postagens e pronunciamentos formais e informais, tentou imputar a culpa da crise na saúde e da economia aos governadores estaduais do Brasil. Desde o início da pandemia, o presidente trava embates quase diários com governadores e prefeitos em virtude da condução das medidas para conter o vírus. Enquanto estes são, em grande parte, adeptos do isolamento social, Bolsonaro é contra essas medidas em prol da economia e propaga o uso de medicamentos sem comprovação científica para o tratamento da enfermidade (MONARI et al, 2021, p.16).

Em fevereiro de 2021, o presidente postou, no twitter, a tabela de valores que cada estado recebeu em 2020, dando a entender que os recursos não foram bem administrados durante a pandemia. Expôs a grade de gastos sem informar aos seguidores a finalidade dos repasses federais, nem mesmo os obrigatórios pela CF/88 que em nada agregam o combate à pandemia; promovendo desinformação e conflito sobre os governadores, novos alvos das ameaças da população¹⁵. Em seu discurso para abertura das Nações Unidas, afirmou que a culpa da inflação e crise alimentícia no mundo são consequências do isolamento social; além de culpar os governadores pelo desemprego no Brasil. Sinais claros de uma tentativa de guerra federativa baseada em fake news.

Bolsonaro sempre foi contra as medidas de distanciamento e a favor do “tratamento precoce”, cuja eficácia não é apenas comprovadamente nula como também pode agravar casos de pacientes infectados com o SARS-COV-2 (MONARI et al, 2021). Ainda em seu discurso para a abertura da ONU, afirmou que seu governo é “contrário ao passaporte sanitário e a qualquer obrigação com a vacina”, além de “apoiar a autonomia dos médicos com o tratamento precoce”. Vale ressaltar que as únicas medidas sabidamente efetivas no combate ao vírus são: vacinação, distanciamento social, uso de máscaras e protocolos sanitários de higiene (OMS, 2020).

Durante a pandemia de COVID-19, o padrão de consumo de medicamentos no Brasil chamou a atenção. Estava no centro dessa questão o denominado “tratamento precoce” ou “kit-covid”: uma combinação de medicamentos sem evidências científicas conclusivas para o uso com essa finalidade, que inclui a hidroxicloroquina ou cloroquina, associada à azitromicina, à ivermectina e à nitazoxanida, além dos suplementos de zinco e das vitaminas C e D. A prescrição e o uso desses medicamentos *off-label* para tratar ou prevenir a COVID-19 recebeu contornos de grande credibilidade, quando o “tratamento precoce” e o “kit-covid”

¹⁵ Bolsonaro x Governadores: de quem é a culpa pela crise na saúde?. Palestrantes: Vinícius Moura, Adrilles Jorge e Joel Pinheiro da Fonseca. Brasília: Morning show, 2021. 1 vídeo (16:25 min). Transmitido em fevereiro de 2021, pelo canal Morning Show. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=w7VzjxjgCnE>. Acesso em 30 de agosto de 2021.

foram divulgados e o seu uso incentivado amplamente nas mídias sociais (WhatsApp, Facebook e Instagram) por profissionais médicos, autoridades públicas e nas páginas oficiais de Internet de Secretarias de Saúde, Ministério da Saúde e Governo Federal do Brasil (MELO et al, 2021, p.2).

Após intensa propaganda incitando a automedicação com os respectivos medicamentos, as vendas dos mesmos obtiveram aumento exponencial. A ivermectina (um remédio antiparasitário) obteve uma receita de R\$44 milhões em 2019 para R\$409 milhões em 2020, uma alta de 829% (MELO et al, 2021). A farmacêutica estadunidense Merck Sharp & Dohme, responsável pelo medicamento, veio a público afirmar que os dados disponíveis não suportam a segurança e eficácia contra a COVID-19. Além disso, a Agência Nacional de Vigilância Sanitária (ANVISA) e a Rede CoVida (CIDACS/FIOCRUZ) publicaram uma nota técnica alertando a população sobre o risco do uso indevido do medicamento, com possibilidade de apresentar potenciais danos a pacientes.

Um remédio específico se destaca no discurso do “tratamento precoce”: a Cloroquina ou Hidroxicloroquina. Este também obteve um aumento no número de vendas, de R\$55 milhões em 2019 para R\$91,6 milhões em 2021. Não existem evidências de que a azitromicina, hidroxicloroquina e cloroquina reduzam a mortalidade, a ventilação mecânica ou o tempo de resolução dos sintomas. Pelo contrário, comprovadamente pioram o estado do paciente, possivelmente levando à morte (OPAS, 2021).

Apesar dos estudos, Jair e seus aliados permanecem fazendo a propaganda. Em 2020, inclusive, tentou assinar um decreto com o objetivo de incluir forçosamente “COVID-19” nas recomendações de uso da Hidroxicloroquina, ação barrada pelo diretor-presidente da ANVISA, Antônio Barra Torres, pela inconstitucionalidade.

Outro ponto de tensão entre o governo negacionista e os governadores foi a vacina. Bolsonaro se utiliza da referência de sua própria posição enquanto presidente para legitimar seus argumentos em relação à vacina contra Covid-19 (MONARI et al, 2021, p.11), afirmando que o imunizante estaria sendo feito rápido demais e questiona sobre as supostas reações adversas, causando um sentimento de desconfiança e medo na população. Outra tática usada para legitimar seu discurso é expor falas fora de contexto em suas lives aos seguidores das suas redes sociais. Por exemplo, em 22 de outubro de 2020, afirmou que a própria OMS é contrária à obrigatoriedade da vacinação. Na realidade, a instituição recomendou que cada país tomasse a decisão (de obrigar ou não a vacinação) de acordo com a realidade local; ou seja, o órgão não é contrário como o Bolsonaro afirmou aos seus seguidores.

Seus ataques foram direcionados, em especial, à CoronaVac, vacina desenvolvida pela farmacêutica chinesa Sinovac em parceria com o Instituto Butantan. O presidente mentiu ao afirmar que a vacina não tem comprovação científica (UOL, 2020) e utiliza constantemente o termo “a vacina chinesa”, evidenciando seu embate político-ideológico e a ideia de culpabilização da China pelo surgimento do coronavírus (MONARI et al, 2021). Ao longo de 2020 e 2021 o crescimento no volume de atividades no Twitter sobre CoronaVac teve como principal objetivo o ataque à vacina. Como resultado, as campanhas de ódio e a disseminação de fake news contra a vacina nas redes sociais comprometeram a imunização do Brasil e atrasaram a entrega de 12 milhões de doses do imunizante (USP/FGV, 2021).

4. Considerações Finais

Para ataques cibernéticos serem qualificados como uma Guerra Híbrida é preciso “se basear na desestabilização, ou seja, depender de maneira fundamental de ingredientes como postura antissistema, agentes postigos, desinformação, narrativas simplificadoras e discurso de ódio e de medo” (CASTRO, 2019, p.22). De acordo com o explicitado no artigo, pode-se concluir, portanto, que uma Guerra Híbrida é travada nas plataformas algorítmicas no Brasil. Trabalha de maneira esquematizada, regionalizada e estratégica, visando interesses particulares de uma pequena elite no governo e a desestabilização do sistema e da população.

Os exemplos utilizados para mostrar os contornos dessa tática no Brasil (eleição de 2018, acusações anti sistêmicas e pandemia) apontam o Presidente da República, Jair Bolsonaro, no centro, amparado por uma rede de aliados mobilizados estrategicamente nas plataformas algorítmicas. Dessa forma, utilizam as mídias sociais como ferramentas cruciais para a criação e disseminação de fake news, sendo as principais plataformas o Whatsapp e Facebook. Contudo, estudo recente (USP/FGV, 2021) aponta que o Twitter foi crucial para a expansão do negacionismo quanto ao vírus SARS-COV-2 durante a pandemia.

As consequências dessa Guerra Híbrida estão aumentando a reprodução popular dos discursos de ódio, polarização, intolerância e terror; chegando ao aumento de atos envolvendo agressões físicas, hostilização e ameaças. A prática está atuando explicitamente no meio político e ameaçando não apenas a democracia, mas a confiabilidade dos cidadãos nas instituições públicas e a integridade física de civis, em especial de jornalistas e comunicadores.

Contornar o cenário se mostra ainda mais complexo pela amplitude que as fake news vem atuando no país e em o quão profundamente a “máquina” está instalada; visto que quase

70% da população busca se informar por meio das redes sociais e a mídia tradicional é constantemente atacada e desacreditada. Não obstante, as plataformas algorítmicas só podem (e irão) frear a disseminação em massa de desinformação com legislação própria (MENCZER et al, 2017); tendo a cautela devida para que a lei não acabe se tornando mais um mecanismo de censura e silenciamento de adversários políticos.

Referências Bibliográficas

ARRUDA, Robson Lima de. O NEGACIONISMO COMO ARTEFATO DA PÓS-VERDADE: BOLSONARO, A PANDEMIA E A EDUCAÇÃO. Boletim da conjuntura, IOLES. ANO III, Boa Vista, v.5, nº15, p.81-93. Disponível em: <<http://revista.ioles.com.br/boca/index.php/revista/article/view/259/238>>. Acesso em 02 de outubro de 2021.

Far Right Networks of deception. AVAAZ, 2019 report, p.1-57. 22 de maio de 2019. Disponível em: <<https://avaazimages.avaaz.org/EU%20Disinfo%20Report.pdf>>. Acesso em 25 de setembro de 2021.

BARROS, Gilmar Gomes. FAKE NEWS NO FACEBOOK: estudo de caso com universitários da Universidade Federal do Rio Grande. Geise Ribeiro da Silva, 45 páginas, graduação, Biblioteconomia-FURG. Rio Grande-RS, 2018. Disponível em: <http://200.19.254.174/bitstream/handle/1/8054/Gilmar_Gomes_de_Barros_TCC.pdf?sequence=1>. Acesso em: 14 de setembro de 2021.

BOLSONARO diz que fundo eleitoral extrapolou o valor e mente sobre vacina. UOL, São Paulo, 20 de jul. de 2021. Política. Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2021/07/20/bolsonaro-fundo-eleitoral-vacina.htm>>. Acesso em: 05 de outubro de 2021.

CAMARGO, Kenneth Rochel de. Lá vamos nós outra vez: a reemergência do ativismo antivacina na Internet. Caderno de Saúde Pública 36 (Suppl 2). 31 de agosto de 2020. Disponível em: <<https://www.scielosp.org/article/csp/2020.v36suppl2/e00037620/pt/>>. Acesso em: 04 de novembro de 2021.

CARPANEZZI, Mariana. É preciso palavras para construir o silêncio: o genocídio de Ruanda no discurso oficial do conselho de segurança das nações unidas. Estevão Chaves de Rezende Martins. 2008, 132 páginas. Mestrado, Relações Internacionais, Brasília, UnB. Disponível em: <https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/3965/1/2008_MarianaBCarpanezzi.pdf>. Acesso em: 12 de setembro de 2021.

CASTRO, Julio Cesar. Máquinas de guerra híbrida em plataformas algorítmicas. Ecompos, São Paulo v. 23, jan-dez, publicação contínua, 2020, p. 1-29. 03 de fevereiro de 2020. Disponível em: <http://www.jclcastro.com.br/downloads/Julio_Cesar_Lemes_de_Castro_-_Maquinas_de_guerra_hibrida_em_plataformas_algoritmicas.pdf>. Acesso em: 14 de setembro de 2021.

Covid-19: Políticas Públicas e as Respostas da Sociedade. USP/FGV, 2021, Rede de Pesquisa Solidária - Boletim No. 31, p.1-21. 22 de maio de 2021. Disponível em: <<https://bit.ly/3yFr0KU>>. Acesso em: 03 de out. de 2021.

DOURADO, Tatiana. Fake News na eleição presidencial de 2018 no Brasil. Dr. Wilson Gomes. 2020, 323 páginas. Doutorado, Faculdade de Comunicação, UFBA, Bahia. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/31967/1/Tese_Tatiana%20Dourado.pdf>. Acesso em: 26 de setembro de 2021.

EMPOLI, Giuliano Da. Os engenheiros do caos. 1 ed. São Paulo: Vestígio, 2020.

Fake News, filter bubbles, post-truth and trust. IPSOS, 2018, p.1-36. 6 de setembro de 2018. Disponível em: <<https://www.ipsos.com/sites/default/files/ct/news/documents/2018-09/fake-news-filter-bubbles-post-truth-and-trust.pdf>>. Acesso em: 20 de agosto de 2021.

GARCIA, Tatiany. MORAIS, Osvando José. Umberto Eco, Número Zero e o jornalismo no século XXI. 42º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Belém-PA, 2-7 de setembro de 2019. Disponível em: <<https://portalintercom.org.br/anais/nacional2019/resumos/R14-0228-1.pdf>>. Acesso em: 20 de agosto de 2021.

GOMES, Wilson da Silva. DOURADO, Tatiana. Fake News, um fenômeno de comunicação política entre jornalismo, política e democracia. Estudos em Jornalismo e Mídia, v.16, nº 2, julho a dezembro de 2019, p.33-45. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo/article/view/1984-6924.2019v16n2p33/41754>> Acesso em 20 de setembro de 2021.

GUIMARÃES, Gabriel Mendes. “Gabinete do Ódio”, uma alt-right à brasileira? Identidade e repertório de contas brasileiras de extrema-direita no Twitter. Marisa von Bülow. 2020, 64 folhas. Graduação, Ciência Política, UnB, Brasília. 2020. Disponível em: <https://bdm.unb.br/bitstream/10483/27720/1/2020_GabrielMendesCiriaticoGuimaraes_tcc.pdf>. Acesso em: 09 de setembro de 2021.

INQUÉRITO da PF não investiga fraude no processo de votação. Correio Braziliense, 16 de agosto de 2021. Projeto Comprova. Disponível em: <<https://www.correiobraziliense.com.br/holofote/2021/08/4943952-inquerito-da-pf-nao-investiga-fraude-no-processo-de-votacao.html>>. Acesso em: 01 de outubro de 2021.

KALSNES, Bente. Fake News. Oxford Research Encyclopedias, Setembro de 2018. Disponível em: <<https://oxfordre.com/communication/communication/view/10.1093/acrefore/9780190228613.001.0001/acrefore-9780190228613-e-809>>. Acesso em: 18 de agosto de 2021.

LANGIN, Katie. Fake news spreads faster than true news on Twitter—thanks to people, not bots. Science, março de 2018. Social Sciences. Disponível em: <<https://www.science.org/content/article/fake-news-spreads-faster-true-news-twitter-thanks-people-not-bots>>. Acesso em: 17 de agosto de 2021.

LAVADO, Thiago. Estudo aponta que 99,75% dos hospitalizados com covid-19 não tomaram vacina. EXAME, 11 de maio de 2021. Disponível em: <<https://exame.com/ciencia/estudo-aponta-que-9975-de-hospitalizados-com-covid-19-nao-tomaram-vacina/>>. Acesso em: 05 de novembro de 2021.

LEAL, Paulo César. A guerra híbrida: reflexos para o sistema de defesa no Brasil. DOCTRINA MILITAR TERRESTRE EM REVISTA, v. 4, n. 9, jan-jun de 2016, p.6-17. Disponível em: <<http://www.ebrevistas.eb.mil.br/DMT/article/view/722>>. Acesso em: 27 de setembro de 2021.

LEVITSKY, Steven. ZIBLATT, Daniel. Como as democracias morrem. 1 ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2018.

MARS, Amanda. Os Estados Unidos que não se vacinam e mais se contagiam. El país, 08 de agosto de 2021. Disponível em: <<https://brasil.elpais.com/sociedade/2021-08-08/os-estados-unidos-que-nao-se-vacinam-e-mais-se-contagiam.html>>. Acesso em 05 de novembro de 2021.

MELO, José Romério Rabelo. DUARTE, Elisabeth Carmen. MORAES, Marcelo Vogler de. FLECK, Karen. ARRAIS, Paulo Sérgio Dourado. Automedicação e uso indiscriminado de medicamentos durante a pandemia da COVID-19. SCIELO, Fortaleza-CE, 7 de abril de 2021. Cad. Saúde Pública 2021. Disponível em: <<https://www.scielosp.org/article/csp/2021.v37n4/e00053221/pt/>>. Acesso em: 10 de setembro de 2021.

MELO, José. DUARTE, Elisabeth. MORAES, Marcelo. FLECK, Karen. ARRAIS, Paulo. Automedicação e uso indiscriminado de medicamentos durante a pandemia da COVID-19. Cad. Saúde Pública, São Paulo, 2021. Disponível em: <<https://www.scielosp.org/pdf/csp/2021.v37n4/e00053221/pt>>. Acesso em: 03 de outubro de 2021.

MELLO, Patrícia Campos. Por que os brasileiros deveriam ter medo do gabinete do ódio. New York Times, agosto de 2020. Opinião. Disponível em: <<https://www.nytimes.com/pt/2020/08/04/opinion/international-world/bolsonaro-gabinete-do-odio.html>>. Acesso em: 30 de setembro de 2021.

MENESES, João Paulo. Sobre a necessidade de conceptualizar o fenómeno das fake news. Observatorio Journal, special Issue, OberCom, 2018. Disponível em: <<http://obs.obercom.pt/index.php/obs/article/view/1376/pdf>>. Acesso em: 25 de setembro de 2021.

MONARI, Ana Carolina. ARAÚJO, Kizi. SOUZA, Mateus. SACRAMENTO, Igor. Legitimando um populismo anticência: análise dos argumentos de Bolsonaro sobre a vacinação contra Covid-19 no Twitter. Liinc em Revista, Rio de Janeiro, v.17, n.1, maio de 2021. Disponível em: <<http://revista.ibict.br/liinc/article/view/5707/5268>> Acesso em: 01 de outubro de 2021.

O Brasil está sofrendo uma infodemia de Covid-19. AVAAZ, 2020, p.1-14. 4 de maio de 2020 Disponível em: <https://secure.avaaz.org/campaign/po/brasil_infodemia_coronavirus/> Acesso em 25 de setembro de 2021.

O dilema das redes. Direção de Jeff Orlowski. Estados Unidos: Netflix, 2020.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE - OMS 2020. Entenda a infodemia e a desinformação na luta contra a Covid-19. OMS, 2020. Disponível em: <<https://bit.ly/3sANrxh>>. Acesso em: 15 de setembro de 2021.

PRIVACIDADE hackeada. Direção de Karim Amer e Jehane Noujaim. Netflix, 2020.

RELATÓRIO Global de Expressão 2020/2021: o estágio da liberdade de expressão ao redor do mundo. ARTIGO19, 29 julho de 2021. Disponível em: <<https://artigo19.org/2021/07/29/bolsonaro-emitiu-1-682-declaracoes-falsas-ou-enganosas-em-2020-aponta-relatorio-global-de-expressao-2020-2021/>>. Acesso em: 29 de setembro de 2021.

ROESLER, Rafael. WEB 2.0, INTERAÇÕES SOCIAIS E CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO.VII SIMPED – Simpósio Pedagógico e Pesquisas em Educação, 2012. Disponível em: <<https://www.aedb.br/wp-content/uploads/2015/04/45817495.pdf>>. Acesso em 14 de setembro de 2021.

SAID, Flávia. Ex-aliados de Bolsonaro mostram como funciona o Gabinete do Ódio. UOL, Brasília. 28 de maio de 2020. Disponível em: <<https://congressoemfoco.uol.com.br/governo/ex-aliados-de-bolsonaro-detalham-modus-operandi-do-gabinete-do-odio/>>. Acesso em 05 de outubro de 2021.

SHAO, Chengcheng. CIAMPAGLIA, Giovanni. Varol, Onur. YANG, Kai-Cheng. FLAMMINI, Alessandro. MENCZER, Filippo. The spread of low-credibility content by social bots. Nature Communications 9, 4787, 20 de novembro de 2018. Disponível em: <<https://www.nature.com/articles/s41467-018-06930-7>>. Acesso em 10 de setembro de 2021.

SOPRANA, Paula. ONOFRE, Renato. MELLO, Patrícia Campos. Facebook remove contas falsas ligadas aos Bolsonaros e ao gabinete da Presidência. Folha de São Paulo, 08 de julho de 2020. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2020/07/facebook-remove-contas-falsas-ligadas-aos-bolsonaros-e-ao-gabinete-da-presidencia.shtml>>. Acesso em: 06 de outubro de 2021.

SOUZA, Felipe. 'É como usar drogas': por que as pessoas acreditam e compartilham notícias falsas?. BBC News Brasil, São Paulo. 26 de outubro de 2018. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-45767478>>. Acesso em 15 de agosto de 2021.

VALENTE, Jonas. Fake news sobre candidatos inundam redes sociais em período eleitoral. Agência Brasil, Brasília. 06 de outubro de 2018. Disponível em: <<https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2018-10/um-dia-da-eleicao-fake-news-sobre-candidatos-inundam-redes-sociais>>. Acesso em: 26 de agosto de 2021.

WARDLE, Claire. DERAKHSHAN, Hossein. Information disorder: Toward an interdisciplinary framework for research and policy making. Council of Europe report DGI, setembro de 2017. Disponível em: <<https://edoc.coe.int/en/media/7495-information-disorder-toward-an-interdisciplinary-framework-for-research-and-policy-making.html>>. Acesso em: 20 de setembro de 2021.

WESTRUP, Ana Carolina. Desinformação como estratégia de governo. Diplomatieque Brasil. 1 de abril de 2020. Disponível em: <<https://diplomatieque.org.br/desinformacao-como-estrategia-de-governo/>>. Acesso em: 01 de setembro de 2021.